

Suplemento Cultural

POESIA

CONTEMPLADOR DE SILÊNCIOS

branco de sonhos
ele não brinca de senhas
e enovelando os flocos da solidão
busca a meada e o fio
das nômades coerências da silêncitude

ausências retesadas não leem suas linhas
nem alinham suas mãos
que driblam o casulo dos desejos...
qual voo desfeito na falésia
é a sensação do agora
- há presságios lógicos refletidos no vazio
das ruas minguentes que lhe acenam...

acolhendo o lapso que apazigua a dor
ele recobra o estatuto da aurora
e clareia-se em passos de cirandar...
comete dádiva dourada
e a tática taciturnidade da surpresa
que instiga a desinquietude
pelo postigos da essência...

e tirando os véus do seu mergulho
ele renega as setas do delírio e da angústia
retornando ao imponderável instante
fincado no desvelo inconsciente
- seus pilares neurônicos latejam
sem excessos e sem punhais...

ante a libido esfarelada da emoção
e a pulsão das estranhezas reveladas
ele queima a carta de despedida
vai ao espelho
recolhe a lágrima banal e insana
reprime o transgressivo grito
desmelancoliza-se
reordena o seu vir-a-ser
e renova-se em estado de silêncio...

RUBENIO MARCELO
(POEMA DO SEU NOVO LIVRO "VELEIROS DA ESSÊNCIA")

OS OLHOS FALAM

A nenhum cego se passa,
tão vago e despercebido,
o olhar ardente do amor.
Por mais só e desmerecido
que seja ficar calado,
será um cálice sonhador
muito inebriante... e alado.

Que seja lânguido e mudo,
numa mudez que se fala,
é dor que se intensifica,
por demais ela se exala.
No conter não justifica...
Nada pode, e o amor se cala.

Flutua triste no oceano
à deriva em alto mar.
Tão só... Pedindo guarida
às estrelas... a chorar.
Na vaga a triste desdita:
são loucos sonhos da vida,
que se perdem num olhar...

ELIZABETH FONSECA

Apresentação da Revista 25 da ASL

REGINALDO ALVES DE ARAÚJO – PRESIDENTE DA ACADEMIA SUL-MATO-GROSSENSE DE LETRAS

Defino 2014 como um ano de vitórias e extraordinários desafios - para a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, especialmente porque vivemos o glorioso momento da conquista inédita da construção da nova sede do nosso sodalício. É meu dever, como presidente, conclamar os acadêmicos a permanecerem coesos neste luminoso projeto, numa participação dinâmica e arrojada, com o objetivo primordial de engrandecer a lídima cultura literária do Estado de Mato Grosso do Sul. Da mesma forma, incito os nossos confrades a uma espécie de guarda obstinada e coesa de convivência literária, ligados, não apenas pela fraternidade acadêmica, que é uma condição da Academia, porque estamos unidos e destinados a viver em conjunto para fazer literatura com responsabilidade e discrição, e, para isso, não devemos nos esquecer.

É sabido que a arte de ler é uma das belas artes. O escritor John Macy ensina que "escrever uma boa página é, sem dúvida, mais difícil que lê-la". Noutro trecho, ele afirma que "o valor da

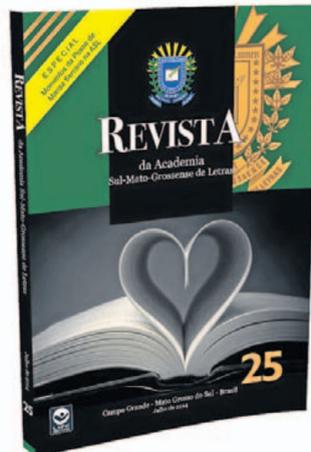
“

Desta feita, trazemos uma antologia de textos de membros da ASL e homenageamos a figura maiúscula do acadêmico Wilson Barbosa Martins, festejado homem de letras (...)"

leitura e da escrita nunca será louvado em excesso". Já a romancista inglesa Jane Austen, autora do livro "Orgulho e Preconceito", disse: "Eu declaro, afinal, que não existe um prazer igual à leitura! É mais rápido se cansar de qualquer coisa do que de um livro!"

É advindo da inspiração do texto acima que a augusta Academia Sul-Mato-Grossense de Letras conserva, veementemente, por meio das duas edições anuais do célebre programa da revista, o fabuloso hábito de escrever e ler como um irresistível prazer, e como, também, magistral fonte de conhecimento e informações.

Estamos passando para as mãos do público leitor a edição de número 25, com o renovado prazer de informar que,



Capa, em 3D, da Revista 25 da ASL, a ser lançada em 31.07.2014, por ocasião do "Chá Acadêmico" do sodalício

decorridos, já hoje, 11 anos de labor dos números postos em circulação, com alegria, verificamos, entre os nossos confrades e leitores, que o esforço despendido foi profícuo.

Desejamos ardentemente que este volume logre a aceitação alcançada pelos anteriores. Desta feita, trazemos uma antologia de textos de membros da ASL e homenageamos a figura maiúscula do acadêmico Wilson Barbosa Martins, festejado homem de Letras, o qual porfiou com sucesso a arte sublime da oratória, mostrou competência invulgar como advogado e, na política, destacou-se como um trabalhador infatigável, de conduta

ilibada ao exercer os cargos de prefeito de Campo Grande, deputado federal, senador da República e governador do Estado de Mato Grosso do Sul, sobressaindo-se a honradez e a generosidade no trato com as pessoas e exercício nas funções públicas. Ao tomar posse na Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, trouxe uma luminosidade tamanha, que, inspirada em seus feitos, a Instituição arrojou-se no monumental projeto da construção de sua sede, com apoio decisivo do governo do Estado, antevendo a inauguração no final deste ano.

Esta revista também destaca e traz registros fotográficos da posse da acadêmica Marisa Serrano, que assumiu recentemente a Cadeira nº 30 da ASL. O lançamento desta edição ainda marcará o início das festividades de comemoração do 43º aniversário da Academia.

Importando louvar o convênio firmado com o governo do Estado de Mato Grosso do Sul, Dr. André Puccinelli, tendo relevante participação do presidente da Fundação de Cultura de MS, acadêmico Américo Calheiros.

Não podemos nos esquecer, também, do agradecimento especial (de coração, da diretoria e dos membros do nosso sodalício) ao prezado confrade/acadêmico Rubenio Marcelo (secretário-geral da Academia), brilhante organizador e revisor geral das 15 edições mais recentes da nossa Revista da ASL (inclusive esta).

O MONJOLO

RUI GARCIA DIAS

O suave borbulhar da água da bica de aroeira interrompia-me na gamela do monjolo. Ali, soava como cachoeira, acumulando-se, e depois era despejada da gamela no calabouço. Antes de dormir, a gente ficava adivinhando o despejar, esperando o cantar chorado dos eixos do monjolo: inheem-tium. Noite inteira o monjolo cantava chorando. De manhã cedo, o arroz estava limpo. Não havia pressa. Doce tempo de infância em que não havia pressa. O monjolo era esquecido no seu canto e, quando se lembrava, ia-se lá e colhia-se o fruto de seu martelar compassado. Podia ser numa hora em que se passasse por perto;

uma hora qualquer. Dava-se uma olhada no pilão e conferia a cara do arroz. Se ainda houvesse muito marinheiro, depois, quando desse certo, a gente voltava.

De vez em quando, uma galinha morta. Distraída com a fartura, esquecia-se da espada ameaçadora que descia estúpida e indiferente, direto no cocuruto.

A mão-de-pilão ficava lisinha. O vermelho da aroeira parecia preparado por carpinteiro artista, envernizado e lixado no mergulho contínuo no pilão de arroz. Quanto mais velha, mais bonita. Parece que o sangue das galinhas sacrificadas incorporava a mão-de-pilão do monjolo.

E lá ficava aquele gafanhoto de anelím, bálsamo ou amendoim, no seu inheem-tium, dia inteiro, noite inteira, trabalhando, chorando e cantando, enchendo o sertão de preguiça e trabalho.

Monjolo aposentado é memória relâmpago, tristeza descartada, saudosismo ansioso. Uma bicada só no baú dos guardados. Pendurado na espera, mais parece

um cavalo de pau, fantasma sertanejo, testemunhando o irreversível.

Como dói no peito!

Fica o símbolo de vida: a natureza no faz e desmancha da engenhoca cabocla, juntando e despedindo água, deixa o resultado no pilão, para gerar mais vida.

O mecanismo incessante de ir e vir, de choro e cantar, perde-se nos ecos do tempo. É sempre o acessório, porque o principal é o resultado prático. Mas quem guarda o acessório tem mais que o consumidor principal, porque guarda da vida o liame invisível que justifica a existência.

Sim, velho monjolo, desgastado e cheio de musgo, você tem espírito!

Sua lição de canto e trabalho comunica-se com a alma da gente, fazendo pensar e sentir. Sentimento puro de caboclo saudosista que não se esquece do embalado gostoso do seu vaivém; pensamento sutil da mente inquieta que investiga a poesia.

ÚLTIMA REZA POR UM GAÚCHO

ADAIR JOSÉ DE AGUIAR

Apeia, chiru velho, larga, no corredor do sem fim, o Pingo Tordilho da tua existência.

Atira o pelego no chão do passado e descansa da ronda constante à tropa dos anos.

Ainda molhado pelo aguaceiro da idade, sacode o poncho da tua fidalguia campeira, que te acompanhou no teu gauderismo, pelas coxilhas e canchadas do tempo, quando campeireavas a felicidade haragana.

Boleia a perna e te achega ao fogão da amizade galponeira, onde chia a chaleira do afeto, para o chimarrão da cordialidade e da esperança.

Quando, pelo olho das madrugada lacrimantes, miravas o vasto altar verde do pampa, tu fazias a história e a tradição de um povo guapo que ficou palanqueado, para sempre, nas tronqueiras do passado, assinalando a porteira grande do porvir. Porque tu não morreste, velho charrua, viajaste somente, ou te mandaste, a la cria para outras invernações, repontando o sinuelo da terra, para novas tropeadas lá no além.

Não perdeste o tiro de laço, não te abombaste nesta refrega terrena, nem bateste em retirada nesta peleia da vida. Brigaste, folheirito no más, conquistando, palmo a palmo, a vitória do existir, como se fosses um Sepé Tiaraju, heroico e legendário.

Agora, cruzaste a lança na paz honrosa da fidelidade e do dever. Por isso, te achegas e desencilhas o redomão, na querência eterna, onde o Patrão Velho lá de riba te receberá de braços abertos, para um chimarrão divino e uma charla amiga, porque foste um peão fiel desse Patrão Celeste. Descansa em paz. Amém.

NOTA: oração feita pelo autor no leito de morte do velho pai, o gaúcho do Alegrete, Severiano de Aguiar, no dia 16 de maio de 1971, às 22 horas e 45 minutos.

NÃO POSSO – LEMBRANÇAS DE UM ENCONTRO

HELIOPHAR DE ALMEIDA SERRA

Esta semana, tivemos o prazer de conviver mais uma vez com velhos e diletos amigos de Campo Grande, ao ensejo da posse do Comp. Fábio Dutra dos Santos como governador do DISTRITO ROTARIO 4407: Hélio Mandetta e Maria Olga, Abílio L. de Barros e Carolina, José Oliva Filho e Alda, e o macanudo (como diria Serejo) Otávio Cunha. Foram horas deliciosas. Depois de percorrer a cidade, e de contemplar a Igreja Matriz - uma das mais belas desta região - fomos para casa bebericar vinho, fustigados pelo frio de junho.

- Jamais "homme ne hait de bon vin" - exclamava o "italiano" Giuseppe Oliva, citando Rabelais.

Dois experts no assunto encarregaram-se de fazer a seleção, sendo advertidos por Otávio de que a garrafa teria que trazer, no rótulo, a palavra de garantia - controle, ou controlata.

Já estávamos na segunda rodada, quando Carolina juntou-se ao grupo,

atrásada. Imediatamente, Dirce, como anfitriã, ofereceu-lhe vinho. Ela respondeu séria:

- Não posso.

Ofereceu-lhe, então, outras alternativas - uísque, cerveja, licor, refrigerantes, e Carolina, imperturbável, dava a mesma resposta:

- Não posso. - Intrigada com os "não posso", Dirce perguntou-lhe, afinal:

- Por que você não pode, Carolina?

E ela, sorrindo de jeito maroto:

- Por que não tenho copo. Todos caíram na risada, inclusive a "Não Posso". Realmente, na mesa havia de tudo, menos um copo disponível. A conversa continuou pipocando, depois, nos mais variados assuntos temas: Maria Olga relatou, com verve e força de Barbosa, as suas andanças pelos quatro cantos do Brasil como COORDENADORA NACIONAL DAS ENTIDADES DE SENHORAS DE ROTARIANOS; Alda, numa saída só, esvaziou as prateleiras do "Marrakeche de Aquidauana"

(são bancas montadas ao longo da calçada de NOB, na Rua Estevão Alves Corrêa, com variados artigos estrangeiros, com ótimas opções). Ao contar episódios de viagem, Alda revelou excelente espírito humorístico, deflagrando, na roda, sucessivas gargalhadas.

Num dado momento, Hélio Mandetta conseguiu "pegar a bola". Empolgou! E narrou fatos pitorescos das suas viagens pela Europa. Em Portugal, por exemplo, conheceu o Sr. Manoel Algarves, português vivo e palrador.

- Os senhores brasileiros desconhecem a história da Mãe Pátria. Vou lhes relatar um fato verdadeiro, que não é encontrado em nenhum compêndio de história, infelizmente...

"O Rei de Portugal, Dom José I, nomeou como seu ministro o Marquês de Pombal, que se tornou poderoso e de pétreia severidade. Certa ocasião, os inimigos políticos conseguiram atraí-lo para a sede do Palácio da

Companhia Grão Pará". Cercaram-no e lhe deram voz de prisão. O Marquês sorriu, imperturbável.

- Olhem pela janela - aconselhou.

Os conspiradores olharam. Viram, assombrados, dez canhões na praça, prontos para entrarem em ação. Correram para os fundos. Viram a mesma resposta:

- Se me impedirem de sair, dentro de dez minutos, esse palácio será reduzido a cinzas - e, altivo e imperturbável, retirou-se.

De imediato, um exame de soldados de El Rei invadiu o palácio e prendeu os conspiradores. Foram amarrados, colocados num barco pequeno, e o barco afundado no mar, a 100 milhas das costas de Portugal.

- Assim morreram os inimigos de Dom José I e do Marquês de Pombal - concluiu, sorrindo, o "douto" Sr. Manoel de Algarves...

- "Se non é vero, é molto bene trovato", finalizou Hélio Mandetta, superconfiável médico campo-grandense.